

**Crônicas
do meu pensar**

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Claudete M. Viegas
TÍTULO: Crónicas do meu pensar
AUTOR: Claudete M. Viegas

CAPA / REVISÃO / PAGINAÇÃO: Paulo Silva Resende

1.^a EDIÇÃO
LISBOA, 2011

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publidisa

ISBN: 978-989-20-2330-4
DEPÓSITO LEGAL: 323412/11

© **CLAUDETE M. VIEGAS**

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO
Sítio do Livro, Lda.
Lg. Machado de Assis, lote 2, porta C — 1700-116 Lisboa
www.sitiodolivro.pt

*À memória do meu pai, Alberto,
de quem herdei o gosto pela leitura
e o incentivo pela escrita.*

Crônicas do meu pensar



CLAUDETE M. VIEGAS

ÍNDICE

Imaginação minha ou um fenómeno de Poltergeist?	13
A Lei do escuteiro	22
A Crise tem intensificado o arrendamento habitacional	24
A Lei do arrendamento deveria ser revista	27
Um bem-haja às Confrarias Gastronómicas	30
A louvável tarefa das Confrarias Gastronómicas, Báquicas e da Água	33
A Confraria da Água visa promover a nossa água engarrafada	36
A admirável ascensão de Oprah Winfrey	39
A hipócrita lei da protecção dos sobreiros	42
A Pedicura Natural ou a Escravidão dos Peixinhos	45
Cursos que proliferam como cogumelos	49
Reflexologia Podal e não Reflexologia Plantar	52
Os encontros sexuais pagos e a actuação da ASAE	54
Nem tudo o que é asiático é chinês, barato e de fraca qualidade	57
A Igreja Católica e a minha fé... A pedofilia e a castração física	60
Os Direitos Humanos só deveriam ser para humanos direitos	63
Furtar gravadores não é crime... Posar nua numa revista é!	66
Vivemos numa crise generalizada	69
Limpar Portugal	72

Algumas crises somos nós que as fazemos	74
Cartel <i>vs.</i> Dumping	77
Acabar com os arrumadores de carros ilegais . .	80
Uma doença aterradora	83
O dinheiro	86
A indisciplina nas escolas	89
O socialismo, a pobreza e a riqueza	92
O socialismo é uma utopia	95
O saber (da moral católica) não ocupa lugar . . .	99
A educação de antigamente e a educação de agora	101
Preservativo anti-violações	104
Uma mente brilhante	107
Aparições Marianas	109
Nossa Senhora... É sempre Nossa Senhora . . .	113
Suécia, o país onde os políticos não têm mordomias	116
Investir ou não investir no imobiliário... Eis a questão!	119
Voltar a fomentar o Incentivo de Arrendamento Jovem	121
Lugares que nos marcam	123
Os terrenos rústicos, a <i>CAULE</i> e a hipocrisia oculta	130
Um galo de Barcelos “made in China”	133
Restaurante canibal afinal é vegetariano.	135
Dublin, uma cidade sem encanto	137
Os subsídios criam sociedades parasitas.	140
Aplicação das bandas neuromusculares pelas esteticistas e pedicuras.	143

Não há miséria que não dê em fartura... ou fartura que não dê em miséria!	145
A igreja da Santíssima Trindade em Fátima poderia ter ficado melhor	148
A Justiça é cega e muitas vezes desampara quem nela acredita	151
Caminhamos para um verdadeiro sistema socialista	155
A União Europeia e a globalização chinesa e indiana	157
Os três macacos sábios do Japão	160

 **IMAGINAÇÃO** 
**MINHA OU UM FENÓMENO
DE POLTERGEIST?**

Poltergeist é um termo utilizado em parapsicologia. É um conjunto de fenómenos psicossinéticos atribuídos à presença de determinados seres espirituais. O fenómeno de *poltergeist* manifesta-se, habitualmente, num determinado lugar. Uma casa assombrada, por exemplo, é uma casa onde fenómenos de *poltergeist* acontecem.

Desde tempos muito distantes que o povo atribui a origem desses fenómenos a seres espirituais, por exemplo a alguém já falecido que habitou na casa. E, quer se acredite ou não, na Parapsicologia estão descritos inúmeros casos inexplicáveis, tais como imagens desprovidas de matéria física, movimentação de objectos sem intervenção humana, audição de sons e de vozes estranhas, aparentemente de origem não física. O fenómeno é habitualmente sentido e/ou visto por pessoas

com sensibilidades mediúnicas e, principalmente, por algumas crianças.

Quando vi pela primeira vez, no cinema, em 2009, o filme *Mensageiro dos Espíritos*, tive uma forte sensação de *déjàvu*, pois senti-me exactamente “na pele” do personagem principal do filme (Kyle Gallner). O filme tem o título original *The Haunting in Connecticut* foi realizado por Peter Cornwell. É um filme de terror, americano, baseado numa história verídica sobre uma família que se muda para uma nova casa, de forma a estar mais próxima da clínica onde um dos filhos recebe tratamentos para o cancro que o afecta. A família começa a testemunhar, desde então, fenómenos de *poltergeist*. Fenómenos que eu também presenciei numa casa onde eu e a minha família morámos durante quase dois anos.

Estávamos então em 1968, tinha eu cinco anos quando, pela primeira vez, comecei a presenciar fenómenos de *poltergeist*. Foram as minhas primeiras e mais longas manifestações mediúnicas. E as que mais me marcaram, sem dúvida. Pois, para angústia minha, eu era a única que presenciava tais fenómenos, todas as noites, na casa onde eu morava juntamente com a minha família (o meu pai, a minha mãe e a minha irmã). Era um verdadeiro tormento para mim, tentar explicar à minha mãe e ao meu pai que eu via a presença de um *homem* estranho na nossa casa, todas as noites, quando todos os membros da família já estavam a dormir.

A princípio, como eu também não sabia explicar exactamente o que via, os meus pais pensavam que seria um ladrão que, durante a noite, invadia a nossa

casa para roubar algo ou nos fazer algum mal. Pensavam os meus pais que talvez fosse alguém que tivesse uma cópia das chaves da(s) porta(s), pois nunca havia sinais de arrombamento na casa. Porém, de nada valeu o meu pai mandar trocar as fechaduras das portas e colocar trancas nas janelas... Eu continuava a ver o *homem* a vaguear pela casa! Até uma abertura para o sótão o meu pai mandou fechar... não fosse o *ladrão* entrar pelo telhado! De nada adiantou. Eu continuava a ver aquele *homem* estranho, todas as noites... Ora a vaguear pela casa, ora encostado ao batente da porta do quarto (quando eu já estava deitada), ora sentado à beira da minha cama... a sorrir para mim... sempre a sorrir! Mas, mesmo sorrindo, o *homem* deixava-me paralisada. Eu não conseguia ter nenhuma reacção quando o *homem* aparecia. Eu ficava completamente petrificada com a sua presença... Nem um grito eu conseguia emitir, tal o meu estado de pânico.

Os meus pais perguntavam-me constantemente qual era o aspecto físico do *homem*, na tentativa de saberem se, por ventura, o conheciam. Eu respondia que o *homem era alto, robusto, de cor negra e... brilhante*. “O homem é muito brilhante”, dizia eu. “Brilhante, como?”, indagavam os meus pais. Eu não sabia explicar exactamente... Só sabia dizer que o “homem era brilhante, tinha uma espécie de aura à volta dele, muito brilhante!” Os meus pais ficavam confusos com descrição que eu lhes dava do tal *homem*. A minha mãe tentava acreditar em mim, mas o meu pai... não tinha tanta paciência.

As noites foram passando e o *homem* que eu

costumava a ver vagueando pela casa ou encostado ao batente da porta do quarto, olhando para mim quando eu já estava deitada, ou sentado à beira da minha cama, passou a estar sentado ao lado do meu pai, na sala, a ver televisão! Eu só pensava para mim mesma “como posso eu estar a ver o *homem* e o meu pai não, mesmo ali, sentado ao lado dele, a ver televisão!”

É claro que o meu pai não achou graça nenhuma quando eu lhe disse que o *homem* passara a estar sentado junto dele, a ver televisão. E, desde essa altura, o meu pai proibiu-me de voltar a mencionar algo relacionado com o tal *homem*. Lembro-me do meu pai a vociferar para mim que o *homem* era fruto da minha imaginação. E eu, durante quase dois anos que passámos naquela casa, tive de aguentar sozinha e calada a presença do *homem* que até nem me fazia mal nenhum, mas causava-me arrepios! Pois, para todos os efeitos, ele não pertencia à nossa família. Era um estranho.

Quando eu tinha quase sete anos mudámos de casa. Finalmente, deixei de ver o *homem*. Senti-me aliviada... Porém, confesso que senti também alguma tristeza pela sua ausência, pois, de certo modo, tinha-me habituado à sua presença todas as noites... com ele sempre sorrindo.

Passados nove anos, em 1977, fiquei a ter a certeza que o *homem* que eu via todas as noites, na outra casa, quando tinha apenas cinco anos, não era fruto da minha imaginação — de facto ele existia e era um fenómeno de *poltergeist*! Só aos catorze anos é que soube que, afinal, outras pessoas também o viam — eu não era a única!